

# Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2

Tallys Newton Fernandes de Matos  
(Organizador)



# Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2

Tallys Newton Fernandes de Matos  
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C749 Conhecimento e diversidade em psicologia [recurso eletrônico] :  
abordagens teóricas e empíricas 2 / Organizador Tallys Newton  
Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86002-16-4

DOI 10.22533/at.ed.164200603

1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. I. Matos, Tallys Newton  
Fernandes de.

CDD 150

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Atualmente, presenciamos constantes mudanças e transformações nos padrões de vida e valores sociais que configuram as diferentes culturas através de desdobramentos na dinâmica do cotidiano. Este cenário, em quase todo o mundo, para alguns historiadores, é caracterizado pelos avanços tecnológicos dos séculos XX e XXI, período descrito como “Era da Informação”. Nessa situação, encontramos diferentes fenômenos e uma diversidade de objetos de estudo para a psicologia. Falamos então de “psicologias” onde o principal do objeto de estudo é o homem, como ser datado, determinado pelas condições históricas e sociais que o cercam. Ou seja, a matéria-prima é o ser humano em todas as suas expressões, as visíveis (comportamento) e as invisíveis (sentimentos), as singulares e as genéricas.

Neste sentido, a coleção “Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica que aborda áreas do conhecimento, como: trabalho, educação, saúde, desenvolvimento humano e sociedade. Tais artefatos se configura de forma interdisciplinar através de estudos teóricos e revisões de literatura. Com isso, objetivo central desta obra é apresentar um recorte da diversidade e construção histórica de forma categorizada e clara de estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país.

A obra “Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2” apresenta construções teóricas fundamentadas em padrões científicos e empíricos através da comunidade acadêmica, com propósito de reconfigurar saberes e práticas que possibilitem avaliação, intervenção, políticas, projetos e programas de atuação, na busca pela conscientização e desenvolvimento individual e coletivo. Tais obras, apresentadas nesta coleção, são fruto de avaliações e exposições de dados em encontros e eventos científicos, selecionados para apresentação através de uma equipe avaliativa que identifica o impacto da obra no meio, e assimilação com diferentes eixos temáticos. Temas diversificados e relevante são tratados aqui como proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos.

Sabemos o quão importante é a divulgação da produção científica. Para tanto, foi evidenciado o impacto da Atena Editora, e sua capacidade de oferecer uma plataforma consolidada e confiável, para que estes pesquisadores explorem e divulguem seus resultados.

Tallys Newton Fernandes de Matos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O TRABALHO COMO FUNDAMENTO DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO	
Tatiéle Cristina Tomba	
Matheus Viana Braz	
Marcos Mariani Casadore	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1642006031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>6</b>
UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NO TRABALHO: NO QUE A FILOSOFIA DA DIFERENÇA PODERIA CONTRIBUIR?	
Maria Letícia de Oliveira Bianchini	
Guilherme Gonzaga Duarte Providello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1642006032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>10</b>
A POLÍTICA NACIONAL DE HUMANIZAÇÃO NO COTIDIANO DE TRABALHO EM UM SETOR DE EMERGÊNCIA PSQUIÁTRICA	
Priscila Ferreira de Oliveira	
Sylvia Mara Pires de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1642006033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>24</b>
O ASSÉDIO MORAL CONTRA A MULHER NO TRABALHO NAS ORGANIZAÇÕES	
Juliana de Souza Bonardi	
Marcia Cristina Pigato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1642006034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>30</b>
O MODELO GESTIONÁRIO DA APOSENTADORIA	
Priscila Rhanny Bulla	
Guilherme Elias da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1642006035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>36</b>
A INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM SITUAÇÕES DE INDISCIPLINA ESCOLAR	
Anicelia Santos Silva Delmonds	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1642006036</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>38</b>
TRANSTORNOS MENTAIS EM ÂMBITO ESCOLAR	
Alexandre Batista Pinho Dantas	
Elza de Souza e Silva	
Edimilson de Oliveira Lavra Junior	
Áquila Valente Appolinario	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1642006037</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>55</b>
POR UMA EDUCAÇÃO QUE NÃO SEJA NADA ESPECIAL	
Adriano Rodrigues Mansanera	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1642006038</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>65</b>
A PINTURA RESSIGNIFICANDO O PATOLÓGICO PARA MERLEAU-PONTY	
Adriano Rodrigues Mansanera	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1642006039</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>72</b>
OS EFEITOS DA PSICOTERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NAS DISFUNÇÕES SEXUAIS FEMININAS	
Mychelle Maria Santos de Oliveira	
Alice Francisca da Conceição Araújo	
Ana Maria da Cruz Sousa Oliveira	
Ana Paula Pereira Cardoso	
Andressa Regina Paulino Costa	
Anna Clara Lima Costa	
Dalila Sipaúba Rodrigues Moura	
Natallice de Sousa Silva	
Pedro Wilson Ramos da Conceição	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16420060310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>82</b>
DESATANDO OS “NÓS” DO TEMPO: PERSPECTIVAS E ESTUDOS EM PSICOLOGIA DO ENVELHECIMENTO	
Mariele Rodrigues Correa	
Camila Cuencas Funari Mendes e Silva	
Joselene Cristina Gerolamo	
Aline Sabbadini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16420060311</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>95</b>
UM OLHAR DA PSICOLOGIA SOBRE O ENVELHECIMENTO NA ATUAÇÃO JUNTO A IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	
Aline Sabbadini	
Mariele Rodrigues Correa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16420060312</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>101</b>
APONTAMENTOS SOBRE AS TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM OS NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO	
Tatiéle Cristina Tomba	
Marcos Mariani Casadore	
Matheus Viana Braz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16420060313</b>	

**CAPÍTULO 14 ..... 106**

**A ATUAÇÃO INTERDISCIPLINAR COMO SUPORTE EMOCIONAL A UM PACIENTE JOVEM HOSPITALIZADO PARA REABILITAÇÃO MULTIPROFISSIONAL**

Carolina de Sousa Rotta  
Clesmânia Silva Pereira  
Eli Fernanda Brandão Lopes  
Fernanda Maria Souza Juliano  
Irma Macário  
Izabela Rodrigues de Menezes  
Joelson Henrique Martins de Oliveira  
Juliana Galete  
Lariane Marques Pereira  
Leticia Szulczewski Antunes da Silva  
Michael Wilian da Costa Cabanha  
Silvana Fontoura Dorneles

**DOI 10.22533/at.ed.16420060314**

**CAPÍTULO 15 ..... 113**

**O USO E ABUSO DE DROGAS NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E A DISCUSSÃO EMERGENTE ENVOLVENDO A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIOSIDADE**

Aline Maria Figueiredo Ko da Cunha  
Lívia Figueiredo Pereira  
Grazielle Neves Soares  
Marconi Moura Fernandes  
Luís Paulo Souza e Souza

**DOI 10.22533/at.ed.16420060315**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 124**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 125**

## DESATANDO OS “NÓS” DO TEMPO: PERSPECTIVAS E ESTUDOS EM PSICOLOGIA DO ENVELHECIMENTO

Data de aceite: 20/02/2020

Data de submissão: 03/12/2019

### **Mariele Rodrigues Correa**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP  
Assis – Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/7034542530075753>

### **Camila Cuencas Funari Mendes e Silva**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP  
Assis – Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/0543928869537928>

### **Joselene Cristina Gerolamo**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP  
Assis – Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/1090861019441891>

### **Aline Sabbadini**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP  
Assis – Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/7017376862429686>

**RESUMO:** Conjugar o verbo “envelhecer”, seja em primeira pessoa do singular ou do plural é se defrontar com desafios, medos, devires e potencialidades. Conjuguar “eu envelheço”, “nós envelhecemos” é assumir a temporalidade que nos atravessa e construir processos

de subjetivação singulares. Tais processos certamente nos colocam em contato com uma série de questões que devem ser elaboradas, tanto relacionadas às perdas que o envelhecer provoca, como também às aquisições e ganhos. Nesse sentido, a proposta deste escrito é analisar os processos de envelhecimento a partir dos recortes de gênero, das expressões e vivências de sexualidades e da velhice institucionalizada. Os trabalhos aqui apresentados são parte de um núcleo de estudos sobre envelhecimento do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia. Envelhecimento. Subjetividade

### UNTYING THE TIE OF TIME: PERSPECTIVES AND STUDIES IN THE PSYCHOLOGY OF AGING

**ABSTRACT:** To conjugate the verb “to age”, whether in the first person singular or plural, is to face challenges, fears, becomings and potentialities. To conjugate “I age”, “we age” is to assume the temporality that goes through us and to build singular subjectivation processes. Such processes certainly put us in touch with a number of questions that must be asked, related to the losses that aging causes, as well

as to acquisitions and gains. In this sense, the purpose of this writing is to analyze the aging processes based on gender clippings, expressions and experiences of sexuality and institutionalized old age. The works presented here are part of a core of studies on aging of the Postgraduate Program in Psychology and Society of São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, in Assis city.

**KEYWORDS:** Psychology. Aging. Subjectivity

## 1 | INTRODUÇÃO

Partimos do entendimento de que a velhice é um processo dotado de multiplicidades de formas de ser e existir. Pensar nos velhos como sendo testemunhas vivas da história, assim como nos sugeriu Py (1999, p. 24), é resgatar a “(...) importância das lembranças de um vivido como substrato de um saber”. Saber envelhecer é uma arte de viver que se dá de modo particular e é construída de acordo com as potencialidades de cada sujeito. Dessa forma, levando em consideração a pluralidade de experiências de envelhecimento e respeitando a singularidade de cada sujeito que envelhece, iremos brevemente descrever as pesquisas que estão sendo realizadas no núcleo de estudos sobre Psicologia e envelhecimento, conforme apresentamos a seguir. Cabe, mencionar que todas as pesquisas seguiram com a normas prescritas pelo Comitê de Ética da Instituição as quais pertencem.

A pesquisa resultante do mestrado de Aline Sabbadini (2019) se debruçou sobre as perdas, formas de elaboração de lutos e novas aquisições da velhice institucionalizada. Para a pesquisadora, importa analisar as experiências de perdas e lutos vividos pelos idosos asilados e suas possibilidades de ressignificação diante da rotina institucional. Muitas vezes, a velhice institucionalizada tem sua posição desejante enfraquecida, ocasionando uma série de mortes em vida (KOVÁCS, 1996). De acordo com as considerações de Coelho (1998, p. 99) “penetrar num asilo e aventar a partir daí qualquer possibilidade de trabalho, é um ato basicamente emocional”. Estar no asilo é ser atravessado por uma infinidade de emoções, muitas vezes, ocorridas ao mesmo tempo.

Devemos considerar que não existe apenas uma velhice, mas velhices que são formadas e vividas de acordo com diversos fatores, como a classe social, o gênero, as vivências, os vínculos familiares, de amizade e afetivos, dentre muitos outros. Dessa forma, cabe a pergunta: você já pensou sobre o seu próprio envelhecer? A pesquisa da mestra Joselene Gerolamo (2019) foi de encontro com esse questionamento, ao considerar a visão de dois grupos de mulheres entre 20 e 35 anos e outro acima dos 65 anos sobre o seu direito de envelhecer. Assim, compreendemos que a velhice está presente em todas as fases da vida e não apenas após dos 60 anos de idade.

Partindo de um panorama acerca do envelhecimento feminino, o medo de

envelhecer esteve muito presente nas falas das participantes desta pesquisa, seus corpos, suas subjetividades, seu modo de encarar o mundo. Desde muito jovem o peso sobre o “ser mulher” no contemporâneo se intensifica: os questionamentos sobre o casamento, a maternidade, os primeiros sinais do envelhecimento começam a surgir. Por outro lado, com as mulheres mais velhas, como observado por Mercadante (1997), elas talvez não se reconheçam velhas, pois velho é o outro como a própria Simone de Beauvoir (1990) explicita.

Camila C. F. M. Silva, em pesquisa para sua tese de Doutorado (2019) se dedicou à investigação sobre a sexualidade para mulheres com idade igual ou superior a 60 anos. O fenômeno do envelhecimento e da feminização da velhice da população mundial se apresenta como base para as inquietações por apresentar novos desafios e demandas para as ciências (NERI, 2001). A discente de pós-graduação em Psicologia buscou conhecer histórias e narrativas de mulheres idosas sobre a percepção da sexualidade com o passar dos anos. As fontes de pesquisa para esse estudo são testemunhas da passagem do tempo que possuem suas trajetórias de vida contornadas pelo meio sociocultural, onde cada uma, de acordo com sua experiência, imprime diferentes significados na vivência da sexualidade.

Com o intuito de promover o protagonismo de idosas, a temática carrega em si uma multiplicidade de fatores a serem pesquisados, tais como: o envelhecimento populacional, a sexualidade, as diferenças de gênero, e a memória. Como recurso metodológico, a doutoranda elegeu as narrativas por propiciarem um elo com a Psicologia Social, estudos demográficos e de gênero, compondo um trabalho baseado em princípios éticos entre a ciência e seus participantes, buscando, assim novos conhecimentos e significados.

## 2 | EXPERIÊNCIAS DO ENVELHECER FEMININO CONTEMPORÂNEO

A população mundial está envelhecendo em ritmo acelerado. Para Costa (1998) estamos na “era do envelhecimento”. Por mais que o número de idosos esteja aumentando, ainda se promove com intensidade a valorização da juventude por meio dos mais diversos dispositivos comunicativos sociais como a publicidade, a moda, a mídia digital e impressa, entre outros. Isto posto, o corpo jovem é valorizado socialmente, enquanto o corpo velho é descartado e/ou preterido. As mulheres são os principais alvos desse modelo contemporâneo de valorização corporal, imperativo da sociedade patriarcal e machista vigente. Simone de Beauvoir (1990) afirma que o corpo da mulher, que outrora era desejado, ao alcançar a velhice, se torna feio, causando repulsa e até mesmo medo. Com o avanço da idade “a mulher é considerada menos atrativa e, portanto, desvalorizada” (SALGADO, 2002, p. 10).

Na dissertação “O tempo não para: o envelhecimento feminino com um ato revolucionário” (2019), a autora, Joselene Gerolamo analisou e detalhou os sentidos atribuídos à experiência de envelhecer feminino na sociedade ocidental contemporânea em dois diferentes grupos etários que compõem este estudo: um primeiro grupo composto por mulheres de 20 a 35 anos e o segundo grupo por mulheres de 65 a 80 anos. Tal recorte etário parte do pressuposto de que as mulheres, desde muito jovens, sentem o peso acerca dos papéis atribuídos à mulher, que se intensificam com os questionamentos sobre casamento, maternidade e os primeiros sinais do envelhecimento evidenciados em seus corpos.

Para a realização deste estudo, partimos do aprofundamento da revisão bibliográfica para analisar os aspectos históricos e sociais que amparam o cenário da atualidade perante o envelhecimento, em especial no que tange o feminino. Na leitura dos dados obtidos nas entrevistas utilizamos a Análise de Conteúdo, compreendida como um conjunto de técnicas para a análise qualitativa de material verbal rico e complexo (BARDIN, 2009).

Com os resultados em mãos construímos um panorama acerca do envelhecimento feminino e o medo de envelhecer que foram expressos tanto nas falas das participantes desta pesquisa, como em seus corpos, suas subjetividades e nas diferentes maneiras de encarar o mundo. Apesar da juventude e da velhice serem construções sociais não necessariamente atreladas à idade cronológica, que podem sofrer mudanças culturais e históricas, ainda assim, não se pode ignorar que estas categorias indicam direitos e deveres diferenciados que, por sua vez, definem as gerações e os ritos de passagem que declaram o fim e um novo início de etapas da vida. Sobre este panorama, uma das entrevistadas que tem 32 anos relata: *“Desde quando eu me formei tem essa cobrança em ser adulto, aquele peso de trabalho de ser adulto, esse peso social, financeiro, você tem que trabalhar, ‘né,’ já tá formado, tem o mercado de trabalho.”* E acrescenta: *“imposições sociais, era pra eu estar com uma casa, uma família, bem sucedida profissionalmente e estar vindo visitar minha mãe e não estar morando com ela e nem pedindo 1 real.”*

Para além dessas considerações, diversos autores (DEBERT, 1998; GOLDENBERG, 2007) versam sobre a indústria do combate ao envelhecimento que responsabiliza o próprio sujeito, novamente em especial as mulheres, sobre um processo natural e impossível de ser interrompido. Se algo está envelhecendo deve ser consertado por meio de cirurgias plásticas, procedimentos estéticos dos mais variados, dedicação maior a atividades físicas e esportivas, entre outros. Como justificativa para essas mudanças surge o discurso do saudável: *“(me disseram) Aqui assim você já podia esticar um pouquinho por prevenção”* relata uma entrevistada de 32 anos e complementa *“foi realmente providências que eu comecei a tomar mais por causa de ‘ow, estou envelhecendo vamos prevenir”*. Dessa forma, os processos de

*body modification* são respaldados pela busca e cuidado com a saúde. No entanto, esta cultura do corpo não tem nada de saudável, pois utiliza de um dispositivo repressivo, que corrobora para a crescente insatisfação das mulheres com seus corpos, levando-as a depressão, a medicalização, a violência a si mesmas (WOLF, 1992). Este raciocínio está expresso na seguinte fala da participante de 24 anos: *“Acho saudável, mas não tanto desse lado que a coisa está indo, você não pode ter uma ruga, você não pode ter uma gordura caindo, que daí as pessoas já te olham diferente”*.

Muitas das entrevistadas jovens versaram sobre a dificuldade de envelhecer naturalmente diante do olhar do outro sempre julgador: *“Coisas que você não olhava, você começa a olhar muito pelo contexto social e a influência que você sofre assim de todo mundo mesmo”* diz uma das participantes de 27 anos. Da mesma forma é pelo olhar do outro que se percebe o envelhecer como já constatava Beauvoir (1990), *“assim eu comecei a prestar atenção quando os outros falaram, eu não via antes. Depois eu comecei a prestar atenção e realmente tem uma marquinha que não tinha antes”*, diz uma das entrevistadas de 32 anos. Outro ponto que vale destacar é que em algumas das entrevistas com mulheres jovens surgiu, em suas falas, o medo de envelhecer associado à ideia de proximidade com a morte, denunciando assim a hipótese de que a velhice espreita com a morte física e também social, com a possível perda de papéis, como entrega a fala da entrevistada de 30 anos: *“Eu não sei se é medo ou receio, estaria nesse contexto mas não é só medo de envelhecer, é um pouco... morte.”*

Conclui-se, portanto, que com a passagem do século XX para o século XXI, a expressão da idade cronológica está mais relacionada com a adoção de estilos de vida e por preferências características de determinados grupos etários. Seguindo esta lógica, o corpo serve como comunicador social com o mundo, é o agenciador das subjetividades contemporâneas (NOVAES, 2011). Para Mirian Goldenberg, o corpo é visto não apenas como físico, mas também como veículo de ascensão social, dessa forma, *“o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social”* (GOLDENBERG, 2011, p. 49).

O envelhecer na sociedade atual, imagética e consumista, agregada a mudanças cada vez mais rápidas de conhecimentos e valores culturais, em que objetos, relações e pessoas estão se tornando descartáveis e mutáveis, a experiência de envelhecer não parece muito acolhedora e natural. Moraes (2011, p. 433) complementa: *“envelhecer passa a ser visto como um processo manipulado pelo sujeito, gerando discursos que valorizam o autocontrole individual sobre o corpo”*. As maiores provas do *“medo de envelhecer”* se expressam principalmente no intenso movimento para adiar o curso natural da vida, buscando, por meio de procedimentos estéticos, dietas, atividades físicas, manter a aparência jovial tão valorizada nos dias

de hoje em detrimento do que parece ser negativo, ser velho.

### 3 | SEXUALIDADE FEMININA NA VELHICE

Refletir sobre a sexualidade feminina na velhice alimentou o desejo de apreender de que maneira as mulheres idosas vivem, experimentam e simbolizam o efeito do envelhecimento na expressão da sexualidade no contexto social contemporâneo. Entendemos que buscar e compreender tais questões nos levaram ao entendimento de valores que compõem e conduzem a realidade brasileira, confirmando sua importância tanto para o meio acadêmico como o social. Reunimos tais questões na tese de Camila C. F. Mendes e Silva (2019) intitulada: “Sexualidade Feminina na trama do tempo: narrativas indizíveis por mulheres invisíveis”.

Para tanto recorremos a estudos demográficos, e estes, apontam que o Brasil é um “novo” país de idosos. Dentro desse contexto, o Instituto Brasileiro de Pesquisa (2010) destaca uma maior predominância de mulheres e igualmente mais envelhecidas. Elas representam 55,7 % dos idosos: um dado comparativo ilustra que, para cada 100 mulheres idosas, há 81,6 homens idosos, ou seja, correspondem a aproximadamente dois terços da população.

Esse fator é denominado por estudiosos como a “feminização da velhice”. Este conceito sinaliza que um dos motivos para uma média de vida superior de mulheres se deve a um possível maior cuidado feminino com a saúde, principalmente relacionado à maternidade e também há uma diminuição das taxas de mortalidade infantil e materno-infantil, a urbanização, o declínio das taxas de fertilidade e natalidade, as mudanças na estrutura das famílias e o crescente acesso das mulheres ao mercado de trabalho como fatores influentes.

Outro recorte de que trata este trabalho refere-se ao conceito de sexualidade. No bojo de regras e valores que no contemporâneo são disseminados e reproduzidos, considera-se que a sexualidade e suas manifestações também se constituem em relação com o meio social e, este, engendra e reforça as relações de gênero e de idade, e, desta maneira, o conceito de sexualidade e suas formas de expressão estão intrinsecamente vinculadas ao contexto social que está inserido e a atualidade.

A sexualidade é um conceito amplo e permite várias definições. Nos baseamos na seguinte descrição:

um conjunto de fenômenos ligados aos prazeres não apenas obtidos no ato sexual. Sexualidade engloba os afetos, as emoções, os diferentes tipos de relacionamentos, os sentimentos, as identidades de gênero e os desejos. (NEPS, 2006, p. 8).

Sexualidade e o envelhecimento da mulher são elementos permeados

de histórias e memórias. A memória das pessoas mais velhas, nesse sentido, é a memória do grupo social, pois ela se tece a partir das relações entre pessoas, grupos e instituições, e passa a fazer parte das memórias de uma sociedade através da transmissão simbólica, de conceitos e afetos de geração em geração. Portanto, as memórias e suas narrativas são valiosas fontes de pesquisa, aprendizados e aquisição de conhecimentos.

Em nossa prática de pesquisa, as narrativas e sua metodologia foram meus pontos cardeais durante as Oficinas “Encontros com a Terceira Idade”. Tais atividades são desenvolvidas pelo núcleo de estágio em Psicologia “Envelhecimento e Processos de Subjetivação”, coordenado pela docente orientadora deste estudo. As oficinas foram oferecidas semanalmente dentro do programa da UNATI (Universidade Aberta a Terceira Idade) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis. Os participantes do referido grupo eram de um público majoritariamente composto por mulheres com idade superior a 60 anos. Fizemos nossa inserção no grupo junto aos alunos estagiários de Psicologia que coordenam as oficinas ao longo de todo o ano de 2017, a fim de estabelecer um vínculo com as participantes, para então desenvolvermos atividades e entrevistas com as idosas. Assim, o presente estudo teve a intenção em se desenvolver enquanto pesquisa participante de um projeto de intervenção já em andamento. Ao longo do desenvolvimento do grupo durante o ano, oferecemos oficinas temáticas sobre sexualidade feminina e, a partir de tais atividades, convidamos as participantes para realizar entrevistas narrativas autobiográficas.

As Oficinas sobre sexualidade utilizaram como recurso disparador a pergunta: O que é sexualidade? Tal questão envolveu alguns assuntos que se constituíram como “panos de fundo” entremeados em nossos disparadores, que são eles: métodos contraceptivos; masturbação; prazer, desejo, relacionamentos, filhos, reprodução, gênero, identidade, orientação sexual, erotismo, menopausa, acesso à informação, tabus e mitos e violências.

Dentre tantas e inspiradoras narrativas acerca da sexualidade feminina na velhice, nossas velhas participantes nos trazem relatos emocionados do corpo velho desprezível, conseqüente de uma sociedade ageísta e sexista, aonde ser velha é sinônimo de ausência de beleza e de desinvestimento libidinal, bem como assevera as pesquisas de Sibilia (2014). Sistematizamos em tópicos os temas que foram trazidos e problematizados pelas participantes: intensa dificuldade em falar sobre o assunto por todo o grupo; apesar de toda vergonha asseguram ter uma sexualidade na velhice composta por desejos e prazeres; todas trouxeram relatos de preconceitos e estereótipos, e, estes foram descritos com profundo pesar, tais como: não terem direito a expressão da sexualidade no meio familiar sob o alvo de piadas e brincadeiras, fatos estes relacionados na pesquisa de Brigeiro (2000).

Outros aspectos sinalizados nas falas das participantes foram: falta de informação a respeito da saúde sexual – seja por profissionais ou sistemas de saúde; dificuldades de conversar sobre sexo por motivos religiosos com a disseminação de valores da supressão da sexualidade na velhice; o casamento, para algumas participantes, acabou sendo um evento normatizador de desejos, em que ouvimos relatos de libertação sexual após a separação ou viuvez, como também apontado por estudos de Camarano (2003). Outras participantes relataram, ainda, uma maior liberdade para expressão sexual na velhice, sendo que sexualidade para algumas ainda era representada por sexo apenas efetivada pelo coito. Em uma das narrativas tivemos acesso a história de homoafetividade que precisou ser reprimida durante toda a vida e trouxe consequências intensas na velhice, tal como os estudos de Henning e Debert (2015), dentre outros.

A sexualidade feminina na velhice se apresentou como um tabu para a maior parte do grupo. Somos testemunhas das dificuldades das participantes em falar sobre o assunto e fomos alinhavando cada lembrança e cada fala na tentativa de torná-la permissível. Encontramo-nos com sexualidades e corpos marcados pela dor, pelo preconceito, pela subjugação e desumanização. Contudo, tais corpos se apresentaram como arcabouços de luta e inspiração e registramos novamente: precisamos conversar, refletir e estudar sobre a sexualidade de mulheres, homens, crianças. Portanto, fazemos nossa militância através da escrita, como forma de dar visibilidade ao fenômeno contemporâneo do envelhecimento, utilizando palavras como instrumentos de emancipação, almejando que a velhice de homens e mulheres sejam assunto de reflexões e discussões de políticas públicas e de universidades.

#### **4 | VELHICE INSTITUCIONALIZADA ENTRE PERDAS E GANHOS**

Juntamente com o aumento gradativo da população idosa no mundo há também um aumento na procura por instituições de longa permanência para idosos (ILPIs), mais conhecidas como asilos. Atualmente podemos observar o surgimento de outras modalidades de cuidado ao idoso, como os centros-dia, centros de convivência, condomínios para idosos, por exemplo, mas como são alternativas ainda escassas no território brasileiro, o asilamento acaba sendo uma das primeiras opções. Na pesquisa de mestrado: “Mortes na vida e vidas na morte: análise de vivências de perdas e lutos em idosos residentes em asilo.” de Aline Sabbadini (2019) temos um panorama de experiências de lutos por participantes da instituição asilar.

Para o/a idoso/a, o ingresso em uma instituição significa uma ruptura nos vínculos familiares e a criação de novos vínculos com pessoas desconhecidas. (COELHO, 1998) Além disso, o idoso deve se adaptar e aceitar as normas do

estabelecimento em relação à rotina. Para Camarano (2007, p.183), “essa mudança implica a perda dos laços diretos com seu contexto histórico, com suas referências pessoais e, principalmente, com suas relações familiares”.

O processo de desenvolvimento do ser humano é um contínuo equilíbrio entre ganhos e perdas. As perdas não estão somente relacionadas à morte em si, mas a diversos fatores que abrimos mão no decorrer da vida, como o emprego, posição social, casa e também papéis sociais que devem ser abandonados na infância, adolescência, fase adulta e velhice.

O idoso tem que lidar com outro corpo, agora envelhecido, se adequando às suas limitações e descobrindo suas potencialidades. Também precisa encontrar novas atividades e pessoas que lhe despertem afeição, além de dedicar-se a refletir sobre sua própria existência e elaborar projetos para o futuro.

O objetivo deste trabalho consistiu em descrever uma pesquisa de Mestrado em Psicologia, que se propôs a investigar as vivências de perdas e lutos em idosos residentes em uma instituição asilar de longa permanência (ILPI) na cidade de Assis, localizada no interior do estado de São Paulo. Interessou examinar, particularmente, as relações entre as experiências de perdas e de lutos, ocorridos ao longo da vida, e a experiência de asilamento entendida como um corte abrupto nas relações e vínculos mantidos anteriormente pelos idosos. As questões que nortearam nossa pesquisa foram: Quais perdas são relatadas pelos idosos asilados como sendo as mais marcantes de sua vida? Quais são as queixas de perda relacionadas ao asilamento apresentadas pelos residentes em asilos? Como as perdas vividas no processo de asilamento ressuscitam, reconfiguram e ressignificam experiências anteriores de vida, especialmente, as experiências de perda? Como elaboram o luto vivido no processo de asilamento e suas consequências para o enfrentamento da condição asilar?

Para sua realização foi feito um levantamento bibliográfico sobre os temas da institucionalização, velhice e os processos de luto. Além disso, fizemos desde agosto de 2017 até meados de 2018, uma inserção semanal da pesquisadora em um asilo na cidade de Assis (SP), de forma a manter o vínculo com os idosos e oferecer uma escuta apropriada.

Aliado a essa escuta, lançamos mão da observação participante que nos permitiu entrar em contato com os acontecimentos ao nosso redor e compreender a dinâmica institucional. Esse recurso metodológico pressupõe a interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa e a inserção do pesquisador no cotidiano institucional (MAY, 2001). Dessa forma, é um importante recurso para uma análise mais densa das práticas e representações dos idosos asilados. Portanto, foram realizados encontros semanais no espaço do asilo, que não são conduzidos pela pesquisadora, mas que permitem a emergência de conteúdos explorados pela

pesquisa através da fala espontânea dos idosos ou despertados pela pesquisadora no momento oportuno da fala do participante.

Como aporte para a análise dos dados, recorreremos ao referencial da psicanálise. Segundo as considerações de Hermann e Lowenkron (2004), para ser considerada uma pesquisa psicanalítica há que estar fundamentada nos conceitos básicos da psicanálise: inconsciente, resistência e transferência. O pesquisador utiliza o inconsciente como instrumento de trabalho, compreendendo que seus objetos/ sujeitos de investigação fazem parte de sua vida psíquica. Portanto, a psicanálise é um método para compreender o psiquismo humano, seja representado por uma única pessoa, por várias ou até mesmo por uma instituição. Nesse sentido, buscamos nessa metodologia o aporte necessário para tratarmos do fenômeno do luto em idosos.

Ao longo do contato com os idosos institucionalizados, pudemos acompanhar algumas histórias de vida que falavam sobre perdas de vínculos, sejam familiares, da casa em que se viveu, dos amigos, da morte de pessoas próximas e da própria instituição. Também foi possível observar questões relacionadas a um processo de luto quanto à perda da condição física, das funções sociais e de pessoas importantes. Uma das idosas nos contou que o processo de institucionalização se deu por vontade própria, mas lamenta o rompimento completo com as duas filhas e as netas. Além disso, ela ainda sofre com a perda da visão. Um dos idosos foi institucionalizado de forma abrupta, sem ter tido condições de organizar seus bens materiais antes da ida ao asilo. Essas perdas também precisam ser elaboradas mesmo não havendo morte concreta, pois podem ser consideradas mortes simbólicas. (KOVÁCS, 1996). Por outro lado, haviam casos em que tais perdas se configuram na criação de novos vínculos dentro da instituição, como dois casais (pessoas viúvas) que iniciaram novos relacionamentos no asilo. Também haviam casos em que o idoso encontra no ambiente asilar um lugar onde possa exercer sua autonomia, como é o caso de um senhor que é responsável por diversas tarefas dentro da instituição. Portanto, não podemos esquecer que o idoso asilado é um sujeito do desejo que pulsa, mesmo diante da rígida rotina institucional (BALDIN, 2016).

Nas sociedades modernas, a velhice não possui um papel específico e é relegada a uma existência sem sentido. É necessário resgatar a importância desses sujeitos na sociedade, subvertendo a noção da velhice como uma fase de perdas e passividade para uma noção ativa e participativa dos velhos. No caso dos velhos asilados, eles são ainda mais estigmatizados e marginalizados. É nosso compromisso ético dar visibilidade a essa população, mostrando que são sujeitos desejantes e repletos de potência de vida.

## 5 | DESATANDO OS NÓS ATRAVÉS DA MULTIPLICIDADE EM PSICOLOGIA.

Por fim, destacamos que as possibilidades de pesquisa em psicologia na área do envelhecimento humano são muitas e que, primeiramente, é necessário levar em conta a heterogeneidade das velhices nas suas formas de ser e habitar o mundo, pois os olhares e sentidos para a velhice ainda são permeados por muitos estereótipos e preconceitos. Destaca-se o desenvolvimento de investigações que busquem dar visibilidade e voz a essa população podendo também contribuir para novas formas de atuação em psicologia junto aos idosos que reconheçam suas vicissitudes e potencializem a subjetivação dos mais velhos. Tal desafio se faz urgente frente ao processo de envelhecimento populacional, pois isso diz respeito ao futuro de todos nós. É preciso, portanto, desatar nós que às vezes nos impedem de entrar em contato com a velhice que nos habita. Quiçá assim consigamos conjugar o verbo “envelhecer” em sua plenitude.

### REFERÊNCIAS

- BALDIN, T. **Velhice e Institucionalização**: Cenas da vida no abrigo. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal Fluminense – Departamento de Psicologia, Niterói. 2016
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Coimbra: Edições 70. 2009
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro. 1990
- BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34. 1997
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras. 1994
- BARRETO, M. & HELOANI, R. Envelhecimento e sexualidade. In B, TRENCH & T.E. COSTA – ROSA (org). **Nós e o Outro**: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa (pp.77-95). São Paulo: Instituto de Saúde. 2011
- BERQUÓ, E. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In A.L. NERI. **Velhice e sociedade**. (pp. 11-40).Campinas: Papyrus. 1999
- BRIGEIRO, M. **Rir ou chorar?** Envelhecimento, Sociabilidade e Sexualidade Masculina. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. 2000
- CAMARANO, A. A. **Mulher Idosa**: suporte familiar ou agente de mudança. Revista de Estudos Avançados. São Paulo, IPEA. 35-64. 2003
- CAMARANO, A. A. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: A. L. NERI (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. (pp. 169-190) São Paulo: Fund. P. Abramo: SESC São Paulo. 2007
- COELHO, M. R. M. “Eu te asilo, tu te exilas”: rompimento de laços no asilamento. In: C. M. E. BERTHOULD. et al. **Ensaio sobre formação e rompimento de vínculos afetivos** (pp.97-115). Taubaté: Cabral Editora Universitária. 1998

- COSTA, E. M. S. **Gerontodrama: a velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade.** São Paulo: Ágora. 1998
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP. 1998
- Elias, N. **A solidão dos moribundos**, seguido de Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001
- GOLDEMBERG, M. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** (2a ed.).Rio de Janeiro: Record. 2007
- \_\_\_\_\_. Afinal, o que quer a mulher brasileira? **Psicologia Clínica**; 23(1):47-64. 2011
- FREITAS, E.V. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In Py, L.; Pacheco, J. L.; Sá, J. L. M; Goldman, S. N. (org.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais** (pp.19-38). Rio de Janeiro: Nau. 2004
- HENNING, C. E & DEBERT, G. G. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** (27). 29-38. 2012
- HERRMANN, F. & LOWENKRON, T. S &. **Pesquisando com o método psicanalítico.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Resultados da Amostra do Censo Demográfico.** Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. 2010. Acesso em: mar. 2018.
- KOVÁCS, M. J. A morte em vida. In: M. H. P. F. Bromberg. et al. **Vida e morte: laços da existência** (pp.11-33). São Paulo: Casa do Psicólogo. 1996
- MAY, T. **Pesquisa social.** Questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artemed. 2011
- MERCADANTE, E. F. A. **A construção da identidade e da subjetividade do idoso.** Tese (Doutorado Em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. 1997
- MINAYO, M. C. S.. Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira. In TRENCH, B; COSTA-ROSA, T. E. (org.), **Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa.** (pp. 7-16). São Paulo: Instituto de Saúde. 2011
- MORAES, A.. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In Del Priore, M; & Amantino, M. (org) **História do corpo no Brasil** (pp.427-452). São Paulo: Editora Unesp. 2011
- NEPS. **Educação, sexualidades e combate a homofobia.** (Projeto caleidoscópico). Assis. 2006
- NERI, A. L.. **Palavras-chave em gerontologia.** Campinas-SP: Alínea. 2001
- NOVAES, J. V. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social (2011). In Del Priore, M; & Amantino, M. (org.). **História do corpo no Brasil** (pp.477-506). São Paulo: Editora Unesp. 2011
- PY, L. **Testemunhas vivas da história.** Rio de Janeiro: Nau. 1999
- PY, L. et al.. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.** Rio de Janeiro: Ed. NAU. 2004.
- SALGADO, C.D.S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o**

**Envelhecimento**, 4, 7-19. 2002

SIBILIA, P.. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In B, TRENCH; T. E. DA C. ROSA (Orgs.), **Nós e o Outro**: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. (pp. 83-108). São Paulo: Instituto de Saúde. 2014

VERAS, R..Desafios e conquistas advindas da longevidade da população: o setor saúde e suas necessárias transformações. In R. VERAS. (Org.) **Velhice numa perspectiva de futuro saudável**. (pp. 11-32) .Rio de Janeiro: UERJ. UnATI. 2011

WOLF, N. **O Mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco. 1999.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abuso de álcool 114, 125

Abuso de drogas 113, 114, 125

Ansiedade 38, 40, 44, 45, 51, 52, 53, 54, 73, 78, 79, 108, 111, 125

Aposentadoria 30, 31, 32, 33, 34, 35, 125

Aprendizagem 36, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 55, 61, 62, 125

Arte 65, 66, 67, 68, 70, 83, 99, 100, 125

Assédio moral 24, 25, 26, 27, 28, 29, 125

### C

Capital 1, 2, 4, 5, 27, 86, 125

Comportamento 36, 37, 44, 46, 59, 71, 107, 110, 117, 125

Conhecimento 38, 46, 51, 53, 60, 67, 97, 125

Contemporaneidade 28, 30, 34, 125

### D

Democracia 10, 14, 15, 22, 23, 101, 105, 120, 125

Depressão 28, 38, 40, 41, 42, 43, 49, 50, 52, 64, 73, 78, 79, 80, 86, 125

Disfunção sexual feminina 73, 79, 125

### E

Educação especial 56, 57, 58, 59, 62, 64, 125

Educação inclusiva 40, 48, 49, 51, 57, 58, 59, 62, 125

Envelhecimento 30, 32, 33, 34, 35, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 125

Escola 36, 37, 38, 39, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 81, 113, 122, 123, 125

Espiritualidade 113, 114, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125

### F

Família 7, 29, 32, 36, 37, 48, 51, 55, 58, 62, 64, 85, 119, 125

Fenomenologia 70, 71, 125

Filosofia da diferença 6, 8, 125

### G

Gestão em saúde 10

### H

Humanização 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 108, 112, 125

## I

Identidade 31, 32, 33, 34, 62, 73, 88, 93, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 125

Idoso 30, 33, 34, 35, 89, 90, 91, 93, 95, 96, 98, 99, 125

Indisciplina 36, 37, 125

Intervenção psicológica 36, 125

## M

Movimentos sociais 101, 102, 103, 104, 105, 126

Mulher 24, 25, 26, 27, 81, 84, 85, 87, 92, 93, 126

## O

Organizações 3, 9, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 34, 119, 126

## P

Pintura 65, 67, 68, 70, 71, 95, 98, 99, 126

Políticas de saúde 13, 114, 126

Políticas públicas 10, 64, 72, 89, 96, 103, 123, 124, 126

Psicodinâmica do trabalho 30, 31, 34, 35, 126

Psicologia 1, 6, 9, 22, 29, 30, 36, 37, 41, 49, 52, 55, 59, 60, 62, 63, 65, 71, 72, 81, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 124, 126

Psicoterapia 72, 73, 78, 79, 107, 126

Psiquiatria 66, 80, 81, 126

## R

Reconhecimento 2, 4, 5, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 42, 62, 102, 126

Religiosidade 113, 114, 119, 120, 121, 123, 126

## S

Saúde mental 11, 13, 20, 23, 24, 25, 35, 52, 126

Subjetividade 1, 3, 6, 7, 8, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 82, 93, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 120, 126

Suicídio 38, 41, 42, 43, 49, 50, 52, 126

## T

Terapia cognitivo-comportamental 72, 73, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 126

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 44, 48, 49, 50, 51, 55, 61, 63, 65, 73, 74, 83, 84, 85, 87, 90, 91, 95, 96, 97, 99, 111, 119, 126

Transtornos mentais 13, 38, 39, 40, 45, 48, 50, 51, 77, 80, 126

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**